

# OS ARTUROS

## VIZINHOS DO "MUNDO"

Camila Camargo Vieira\*  
Alexandre do Nascimento Souza\*\*

*"Tava Dormino  
Sá Rainha me Chamô  
- Acorda, Nêgo  
O Cativo já acabô"* (Gomes, 2000a: 258)

O universo cultural do negro no Brasil vem sendo marcado por tensões e transformações, desde a chegada dos primeiros escravos que vieram aqui expropriados de seu modo de vida livre e carregado de uma cosmologia muito própria. Desde o êxodo forçado dos africanos, a história do afro-brasileiro tem sido um contínuo de trocas, assimilações e reificações de seus modos e costumes, onde o culto ao sagrado tem sido o instrumento através do qual, de alguma forma, a memória da África se fez ouvir.

Motivado pela impossibilidade de assumir seu modo de vida e toda ritualização a ele pertinente, e por espaços e brechas que vão sendo criados pelos escravos dentro do sistema escravista na esfera da participação religiosa empreendida pelo catolicismo, o negro vindo da África passa a desenvolver uma nova religiosidade, pois, se de um lado não pode assumir como seu o catolicismo, por outro, é em torno da religião católica o local onde a herança do sagrado africano encontra o espaço de sua manifestação. Esse processo assume ares de salvação, na medida em que os negros escravos puderam se não manter, mas ao menos conviver com parte daquilo que lhes era essencial, parte significativa de sua

cultura. Ainda que muitas vezes com outras vestes.

Esse processo de trocas e apropriações transformou a todos, sobretudo negros e brancos, que de forma entrelaçada um no universo cultural do outro, acabam por forjar na esfera da participação religiosa, contraditoriamente, um tipo de convivência não observado em outras esferas sociais.

As disputas e conquistas, empreendidas na busca da sua afirmação, acabam forjando no interior do catolicismo uma convivência em clima mais diverso e tolerante, onde cultos e ritos de origem africana se afirmam nas práticas religiosas dos negros impulsionando brechas que na medida que se constituem, alimentaram e alimentam uma tradição datada no tempo e no espaço africano.

A mistura de algumas práticas culturais vindas da África às da cultura branca dominante, acabou por se constituir como uma alternativa efetiva à manutenção de traços e elementos da cultura africana no Brasil. A partir desta perspectiva, a cultura afro-brasileira passa a sintetizar outras formas de sentir, crer e pensar, dentro de um processo contínuo e permanente de aquisição, combinação e recombinação das matrizes culturais do negro e do branco. A não interrupção de transformações e apro-

priações por que vai passando sobretudo a cultura africana, implica numa relação em que novas e velhas formas de interação, ritos, usos e costumes às vezes contradizem-se e quase sempre se completam dando origem a outras configurações sociais.

Este processo vai forjando paulatinamente dentro da sociedade brasileira o surgimento de novos padrões, onde a seus interesses brancos e negros vão ajustando interesses, costumes e tradições que originalmente não pertencem a sua matriz cultural; e quando pertencentes, por conta de outras interferências ocorridas anterior ao encontro em solo brasileiro, assumem neste momento outra forma, como a devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Dentro deste contexto político e social, as festas afro-religiosas acabaram por constituir-se enquanto um elemento aglutinador e promotor da identidade negra no Brasil. A participação dos negros nas chamadas irmandades, contribui de maneira decisiva para a convivência entre brancos e negros em torno da religião. A partir desse convívio, os negros passam a incorporar ao catolicismo elementos pertencentes a sua cultura, momento no qual as festas passam a desempenhar papel central na formação da religiosidade Afro-brasileira.

## **ENTRE REIS E RAINHAS: UM REINADO DE NEGROS**

A história do Congado no Brasil faz parte deste quadro. Originariamente o Congado remonta a antigas epopéias angolano-conguesas, onde a coroação de reis negros remontava a rituais semelhantes ocorridos em África. O Congo pertence à categoria das danças dramáticas que representavam fatos e costumes da vida tribal. De um modo geral, poderíamos dizer que o Congado constitui-se de coroação de reis e rainhas - a realeza - que desfilam dançando ao som de suas cantigas (PUC-MG, 1974, p.15).

No Brasil, a presença do Congado tem se dado dentro das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, entidades criadas por missionários da igreja católica interessados em oferecer aos escravos uma oportunidade de suprimir as mazelas originárias no sistema escravocrata. Antes mesmo dos primeiros escravos desembarcarem em solo brasileiro já tinham contato com Nossa Senhora do Rosário durante o processo de cristianização da África, quando a Santa já tinha aportado em solo africano.

A tradição do Congado remonta à necessidade de preservação de traços culturais vindos da África e que aqui acabam por se misturar a elementos católicos dentro das irmandades e confrarias, de onde negros e brancos, num processo dinâmico de trocas e ajustes, passam a conviver em torno da religião.

Essa relação do Congado com Nossa Senhora remonta ao mito de que a tradição teria nascido em África com a aparição de Nossa Senhora no Mar. Segundo a lenda, uma crioula chamada Maria das Dores estava fazendo comida para os lavradores quando viu uma senhora muito bonita em cima do muro; falou para o seu senhor que olhou para o mesmo local e nada viu. Diante do fato de nada ver, falou que Maria voltasse a trabalhar e debaixo de umas pancadas avisou-lhe que parasse de inventar histórias. Ao levar a comida para os negros, Maria lhes contou a história e estes foram ao local e observaram que a senhora não mais estava lá. Cantaram, ensaiaram e descobriram que Nossa Senhora teria ido para a encosta sob as águas do Mar. Então, alguns dos negros - que de-

pois viriam a identificar os instrumentos que formam o Candombe - correram e, improvisando um atabaque, forraram um tronco com folhas de inhame e começaram a bater, trazendo a Santa para a beira da praia. Antes, os caboclos já devotos da Santa, por conta da catequese patrocinada por Jesuítas, rezaram, dançaram, cantaram e tocaram seus instrumentos, mas ela não veio. Em seguida os Marujos, também devotos, foram até a beira da praia e fizeram o mesmo, obtendo igual resultado. Porém, ao toque dos negros na beira da praia, a Santa os acompanha, confirmando assim o mito segundo o qual a Virgem de Nossa Senhora do Rosário é a protetora dos negros.

As irmandades e confrarias no Brasil se constituíram como uma forma de levar os negros a participar da religião católica. Através destas garantia-se não só um espaço, através do qual os negros poderiam ser catequizados e de outra forma domesticados aos interesses do sistema escravista - representados pelo catolicismo na esfera religiosa - mas também observados mais de perto, na medida em que dentro destas, brancos e negros encontravam-se e conviviam. As irmandades e confrarias eram um instrumento de controle social dos brancos sobre os negros, pois era através destas que o sistema escravista tentava alienar os negros à sua religião.

Esses, por sua vez, ao se verem privados do seu universo cultural, utilizavam a possibilidade de participação nessas instituições nas quais podiam conviver conjuntamente com a sociedade branca dominante para, na maioria das vezes sob subterfúgios, reafirmar sua cultura e religião.

A participação dos negros nas irmandades e confrarias se deu em maior número nas de Nossa Senhora do Rosário, onde misturavam ao catolicismo elementos de sua religiosidade proibidos pelo sistema escravista. Em verdade, os negros escravos aproveitavam a possibilidade de participação nas festas para cultivar secretamente sua ancestralidade e elementos próprios de sua cultura religiosa.

*“Esse renado é dos antigos, do tronco véio. Veio desde a África, por causa do Escravo. A festa do rosário tem que continuar. Quando nós canta, é por causa de um compromisso sagrado. Quando puxa*

*a cantiga dos antigo - do meu pai, do Zé Aristide - parece que eles tão ali. É, eles tão ali. Eles tão ali junto com a gente. E isso muda tudo”.* (Antonio Maria da Silva, filho de Artur), (Gomes, 2000a, p.214).

As festas patrocinadas pelas irmandades possibilitavam a reinstalação do espaço mítico, onde a fé se apresentava de maneira mais profunda, integrando o homem com seu semelhante e com seu Deus. A noção de pertencimento a uma ancestralidade resgatada e cultuada nos cantos, nas danças e nas rezas dos momentos de festa integram e sociabilizam os negros, constituindo-se num espaço a partir do qual o negro sobretudo se expressa.

## **PRESENCIANDO O PASSADO: O PRIMEIRO CONGADO DE MINAS GERAIS**

A comunidade dos Arturos se insere na história da escravidão brasileira e no universo sócio-político-cultural do negro neste contexto. Devotos de Nossa Senhora do Rosário e descendentes de africanos escravos expropriados de sua liberdade e forçados ao trabalho escravo na lavoura, são também portadores da resistência e fé que o negro passa a desenvolver dentro da senzala buscando formas de superação do seu isolamento cultural.

Atualmente, a tradição africana ou a herança desta tradição relida e reificada por esses 500 anos de história da participação negra no Brasil é manifestada em diversos cultos impulsionados por transformações e às vezes até ameaçados em sua perenidade pela dinâmica social. Dialogando sistematicamente com o seu tempo, os Arturos seguem cultivando sua tradição, preservando seus valores, práticas, festas e ritos que lhes dão unidade e inteligibilidade social, além de oferecer-lhes momentos preciosos de diálogo com sua ancestralidade e sua memória histórico-social.

Situados a 2,5 Km do centro de Contagem, em Minas Gerais, numa propriedade herdada do tronco paterno, os filhos de Artur, pai mitificado e fundador do Congado, revivem na figura do chefe, o Rei do Congado, a tensão entre o passado, materializado no canto, na dança e na vida em comum - elementos estes presentes nas comemorações religiosas e festas da co-



Foto: Alexandre do Nascimento

munidade ou ainda na defesa de uma moral e de um modo de vida atrelados às necessidades e interesses do agrupamento familiar -, e a realidade da dinâmica social contemporânea em que forças alheias às suas vontades acabam por desencadear processos irreversíveis de mudança na sua estrutura de grupo.

A existência deste agrupamento étnico familiar está condicionada à história de Artur Camilo Silvério, filho da lei do ventre livre, que conquistou sua liberdade a duras penas, pois, embora fosse “livre”, com a morte do seu pai, passou a ser criado por seu padrinho na época proprietário das terras na qual trabalhavam. Artur experimentou durante muito tempo uma vida de escravo, com direito a todo o tipo de humilhação e sofrimento comum ao sistema. Mais tarde, refazendo os caminhos dos seus ancestrais vai fugir, dando início ao seu agrupamento familiar por volta de 1917 quando se casa com Carmelinda Maria da Silva.

O passado de sofrimento experimentado vai impulsioná-lo na dedicação que desempenhou na criação dos filhos, pois imaginava ser essa a única forma de protegê-los das mazelas próprias de um sistema que embora não mais escravista, reservara ao negro a discriminação, a fome e a miséria. Neste contexto, cria-os dando forma a uma ética pautada no trabalho duro, na solidariedade entre os irmãos e na honestidade como força capaz de manterem-se em condições de respeito diante da sociedade que os cercava. Essa história de vida e de homem é contada e recontada entre seus descendentes virando o modelo através do qual a família mantém-se unida. Fato observado nas histórias de todos os filhos, dos quais exemplificamos com o de Izaíra Maria da Silva (Tita): “*Papai queria nós tudo com ele ' O que eu tomá, ocês toma. Não quero criá ocês igual eu fui criado. Eu sofri demais'. Num gostava assim que a gente trabalhasse fora. Trabalhava na roça, mas*

*de noite tava todo mundo aqui em casa”* (Gomes, 2000a, p.172).

Moradores de uma propriedade de 89.000 metros quadrados, esta comunidade de aproximadamente 300 pessoas, na sua grande maioria filhos, netos e bisnetos, permanecem unidos em torno da herança familiar lembrando-se também sofrimentos, mantendo-se resistentes às interferências e imposições da sociedade na qual se inserem.

Durante a semana, os Arturos são descendentes de escravos, sujeitos às mesmas pressões e carências que estão os afro descendentes. Abandonam a terra que outrora lhes garantia o sustento e a unidade indivisível do agrupamento familiar e somam-se às fileiras de trabalhadores da indústria, do comércio e do setor de serviços. As atividades outrora praticadas, não mais o são, e agora são as fábricas, lojas e lares que lhes garantem o sustento.

Essa realidade sócio-econômica vai influir de maneira decisiva na forma com

a qual o grupo se organiza internamente, seja com relação a convivência entre uns e outros propriamente dita ou na manutenção e forma de realização e participação nos cultos e festas. É a partir do exemplo do pai mitificado na presença do Rei Congo, seu Geraldo, o filho mais velho, e na devoção à Nossa Senhora do Rosário que vão resistindo às pressões impulsionadas por um modo de vida quase urbano.

As características industriais do município de Contagem e a proximidade com uma metrópole do tamanho de Belo Horizonte, tornam complexas as razões que levaram a permanência dos Arturos como grupo familiar voltado para o passado e participante do presente. Embora não sejam um agrupamento essencialmente rural, os filhos de Artur não aderiram por completo à urbanização. Permanecendo no seu modo de vida diversas características de um "bairro rural" como a participação coletiva nas atividades lúdico-religiosas, a solidariedade grupal, laços de parentesco entre os moradores, além da própria constituição e divisão espacial da propriedade. É a partir das relações e práticas desencadeadas pela Fé em Nossa Senhora do Rosário e a manutenção do Congado, que a comunidade se mantém coesa e suas relações políticas e de afeto ganham consistência.

A existência da tradição deste agrupamento de negros e portanto detentores da cultura negra, ou melhor Afro-Brasileira, dá-se a partir da participação das crianças e jovens também descendentes de Artur Camilo que desde o colo participam dos acontecimentos sociais da comunidade. Aos primeiros passos e à aprendizagem da fala, são incorporados no ser Arturo a vivência sagrada do canto, da música, da reza e da dança instaurando-se em cada um desde cedo uma memória que remonta a história do negro escravo no Brasil e em Minas Gerais.

A participação na tradição do Congado é um traço característico da existência da comunidade enquanto grupo, e a fé em Nossa Senhora do Rosário é o laço que os une e lhes confere o sentimento de pertencimento à comunidade. Nos finais de semana, ou na época dos seus festejos quando normalmente a família está toda reunida, a herança africana é reificada atra-

vés dos cantos, danças, instrumentos e sons, ou ainda nas vestes festivas carregadas do sentido sagrado simbolizados no deslocamento dos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário participantes das procissões.

As festas são o elemento agregador da comunidade e seu calendário marca os grandes momentos do grupo familiar. As principais são a da Libertação dos Escravos, ocorrida no mês de maio, quando celebram a alforria; Nossa Senhora do Rosário ocorrida no mês de outubro, momento que louvam a proteção da Santa; a festa da Folia de Reis durante o ciclo natalino, onde rememoram a jornada dos Reis Magos e a festa do João do Mato em dezembro para festejar a colheita. Nesta última, não está presente o elemento do cortejo, mas assim como as outras ocupa lugar de destaque no calendário festivo da comunidade.

Nas festas da Libertação e de Nossa Senhora do Rosário, que são as maiores festas da comunidade, os preparativos começam duas semanas antes. Toda a comunidade, inclusive os que moram fora da propriedade herdada, amigos da vizinhança mais próxima e visitantes, trabalham todos em torno da festa, cada qual desempenhando uma tarefa. Uns enfeitam a capela, os santos; as crianças fazem bandeirinhas, enfeitam os mastros; muitas mulheres se dividem na cozinha e os homens ficam encarregados com a parte de organização do cortejo, cuidado dos instrumentos; enfim todos se ajudam, reforçando os laços de solidariedade familiar e de vizinhança, que se fortalecem e se exteriorizam nessas situações.

### **SOLIDARIEDADE E AMIZADE: COISA DE VIZINHOS**

Durante as festividades, afloram de maneira mais perceptível os laços de amizade vicinal presentes entre os próprios Arturos e entre estes e a vizinhança que os circunda. Neste momento, a cooperação, a solidariedade, a ajuda mútua e a alegria no estar participando da construção da festa, une a todos num único espírito. A festa, momento sacralizado, onde o passado reinventado com a força e o poder de envolver a todos, integra-os num único mo-

vimento de comunhão.

Em alguns casos, são os Arturos, com todo seu espírito de solidariedade e afeto, que acolhem em seu Congado amigos e vizinhos, seja como uma forma de reconhecimento e carinho, ou até mesmo uma força a alguém que precisa, pois, a fé em Nossa Senhora e as graças por ela concedidas são o motivo e orgulho do agrupamento.

Durante o cortejo, quando as Guardas de Congo e Moçambique saem da comunidade e vão até a igreja de Nossa Senhora do Rosário, observa-se intenso movimento nas portas e janelas por onde passa, quando as pessoas, algumas com terços nas mãos, saúdam as guardas e até se emocionam. Há ainda o desfile em carro aberto da Santa na festa de Nossa Senhora do Rosário, quando em total comunhão com o agrupamento familiar, diversas famílias de Contagem esperam que o cortejo passe à frente de suas casas, momento que aproveitam para colocar seus altares para fora, numa atitude de louvor à Santa e interação com a festa.

Durante as festas de cortejo, diversas guardas de Congo, Catopês e Marujos, seguidas do Moçambique provenientes das mais variadas localidades do município e às vezes até de municípios vizinhos, ficam aguardando os Arturos, primeiro Congado de Minas na igreja. Após a missa, em procissão todos retornam à comunidade quando depois de muita reza, canto, dança e louvação são recebidos com um almoço que é oferecido a cada guarda visitante presente, num ritual de comensalidade encarregado de equalizar as relações, estabelecendo uma relação de reciprocidade. Assim, como os Arturos recebem as Guardas visitantes, eles também são recebidos quando pagam as visitas. As comidas das festas são mantidas pelos reis festeiros que a cada ano assumem o compromisso de bancar a festa, seja em devoção a Nossa Senhora do Rosário, seja por amizade à comunidade.

No interior da festa, são diversos os tipos de relações estabelecidas entre a comunidade e a vizinhança que os cerca. Uma delas pode ser percebida no momento do pagamento das promessas feitas para graças alcançadas e devidas à Santa dos Pretos. Inúmeras pessoas aguardam na igreja

de Nossa Senhora do Rosário a chegada das guardas no Domingo à noite, quando dão voltas em torno da igreja acompanhadas pela guarda escolhida, em uma atitude de profunda relação entre a comunidade dos Arturos e a população de Contagem. Ao pagar a promessa, a pessoa em drávida com Nossa Senhora veste o manto e a coroa de um dos reis ou rainhas da realeza do Congado, numa atitude através da qual os Arturos chamam para si a responsabilidade da penitência coletiva, pois, sabem da tristeza do erro e acreditam no sacrifício para o resgate, sentindo-se guardiões da promessa. A não realização do ato prometido acaba por implicar sanções a toda a comunidade (Gomes, 2000a, p.233).

Esta relação de solidariedade entre a comunidade de negros e a cidade pode ainda ser observada durante os festejos da Folia de Reis. Os pedidos de visita são tantos que a folia só acaba depois do dia 6 de janeiro, estendendo-se normalmente até o fim do mês. Os foliões saem no final das tardes de sábado, só retornando à comunidade às vezes depois de 15 horas ininterruptas de visita, estendo-se por toda a madrugada e manhã do dia seguinte. Nestes dias, a fé, a alegria sobretudo dos que são visitados e o cansaço dos foliões dão o tom de uma comunhão, na qual negros, brancos, pobres e ricos envolvidos pelas comemorações da saga dos três reis magos, revivem o passado, em torno das comemorações religiosas, onde negros escravos e brancos conviviam dentro das irmandades e confrarias.

O sentimento de integração e pertencimento ao universo mítico e religioso da comunidade que facilmente se percebe por parte dos visitantes e convidados nos dias de festa, nada mais é do que o fruto de uma convivência dual, na qual se por um lado, os Arturos se constituíram como uma referência importante de Contagem e de Minas Gerais, por outro, é no espaço da cidade onde esses negros, descendentes de escravos, conseguem nos dias de hoje criar suas referências de sustento e educação.

É no perímetro da metrópole mineira, nos arredores de Contagem que jovens e velhos, homens, meninos, mulheres e meninas, trabalham, estudam, compram roupas e comidas e têm acesso a todos os ser-

viços públicos dos quais necessitam. Essa realidade conformou um sistema de trocas sócios-culturais, na qual embora continuam sendo portadores da memória de seus ancestrais, os Arturos dialogam incessantemente com uma realidade à qual obviamente não podem estar imunes. No momento em que vão às ruas carregados do sentido do sagrado, os homens e mulheres filhos, netos e bisnetos de Artur, trazem consigo a memória dos dias de hoje, seja na incorporação de novos elementos ao cortejo, ou até mesmo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário que frequentam, reconstruída recentemente após ser destruída em décadas anteriores.

Esse sistema contínuo de trocas econômicas, sociais, políticas e culturais de maneira cíclica transforma a uns e outros; igreja, comunidade e a população de Contagem sabem e sentem a necessidade e a importância desse agrupamento familiar que por outro lado sabe também das responsabilidades que tem com a sociedade que os circunda e da qual também fazem parte. É por isso que, ao raiar do sol de uma segunda-feira, quando toda Contagem levanta para trabalhar, a comunidade dos Arturos, depois de um final de semana de festa, divide-se entre aqueles que finalizarão os festejos e aqueles que, dando prosseguimento à sua labuta de negro-pobre, retornam à cidade para fazer sua engrenagem funcionar.

*"Joguei Prata n' água  
De pesada foi ao fundo  
Eu pensei qu' eu tirei sorte  
Eu tirei trabai no mundo . . . ."*

(Gomes, 2000a: 446)

\* *Camila C. Vieira é mestrandia em Antropologia Social da USP.*

\*\* *Alexandre do Nascimento Souza é graduado em Ciências Sociais pela USP.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos R.  
(1977) *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás*. Goiânia, ed. Universidade de Brasília.
- BASTIDE, Roger  
(1985) *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de civilizações*. Tradução de Maria Heloísa Capellato e Olívia
- Kräunhembühl. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 2a ed.
- GEERTZ, Clifford  
(1978) "A Religião como sistema Cultural" Geertz, Clifford *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GOMES, Núbia P. de Magalhães & ALMEIDA PEREIRA, Edimilson de  
(2000a) *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2a Edição.
- GOMES, Núbia P. de Magalhães & ALMEIDA PEREIRA, Edimilson de  
(2000b) "Inumeráveis Cabeças: Tradições Afro-Brasileiras e Horizontes da Contemporaneidade". FONSECA, M<sup>a</sup> N. Soares (org.). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- MARCUS, George  
(1991) "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial." *Revista de Antropologia*, vol. 34.
- MARTINS, L.M.<sup>a</sup>  
(2000) "A Oralitura da Memória." Fonseca, M<sup>a</sup> N. Soares (org) *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- PEREIRA, Marcelo  
(1990) *Arturos: olhos do rosário*. Belo Horizonte, Mazza Edições.
- QUEIROZ, M<sup>a</sup> I.  
(1976) *O Camponato Brasileiro: ensaio sobre civilização e gupos rústicos no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
- SABARÁ, Romeu  
(1997) *Comunidade negra dos Arturos e o drama do camponato negro Brasileiro*, Tese de Doutorado Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP.
- SILVA, Vagner G. da  
(1991) "A crítica Antropológica pós-moderna e a Construção Textual da Etnografia Religiosa Afro-brasileira". *Cadernos de Campo - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP*, N<sup>o</sup> 1.
- SILVA, Vagner G.  
(1994) "Etnografia: Identidades Reflexivas". Silva, Vagner G. et alii (orgs.) *Antropologia e Seus Espelhos*. FFLCH-USP.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.)  
(1996) *Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp/Estação Ciência.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE M. GERAIS  
(1974) *Introdução ao Estudo do Congado*.
- VALENTE, Ana Lúcia E. P. & GUSMÃO, Neusa Maria M. de  
(1991) "Duas Mulheres Negras: histórias de religiosidade popular e resistência." *Cadernos de Campo - Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP*, N<sup>o</sup> 1.